QUANDO FALO OUTRA LÍNGUA, PAREÇO OUTRA PESSOA? CULTURAL FRAME SWITCHING, IDENTIDADE BICULTURAL E ADAPTAÇÃO PSICOLÓGICA EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS

Wagner da Costa Dias - Universidade Federal de Goiás

psiwagnerdias@gmail.com

RESUMO

A migração internacional envolve deslocamentos que ultrapassam a dimensão geográfica, produzindo transformações nas relações sociais, culturais, linguísticas e identitárias. Nesse cenário, a língua ocupa posição central, pois participa da comunicação, dos vínculos, das memórias, das experiências afetivas e das formas pelas quais o indivíduo expressa aspectos de si. O **objetivo** é compreender como a utilização de diferentes línguas e a exposição a diferentes contextos culturais podem favorecer a ativação contextual de repertórios culturais e influenciar formas de percepção, autorrelato, comportamento e expressão do self, sem pressupor a existência de "duas personalidades". **Metodologicamente**, trata-se de um relato de experiência de natureza reflexiva, fundamentado em revisão narrativa e análise de estudos centrais sobre *Cultural Frame Switching* (CFS), bilinguismo, biculturalismo, integração identitária, *language attrition* e migração, bem como de dados contextuais de mobilidade internacional utilizados para situar a relevância social do fenômeno. Os **resultados** do percurso indicam que a formulação "mudou de língua = mudou de personalidade" é insuficiente. A evidência analisada é mais compatível com a compreensão de que diferentes línguas podem funcionar como pistas associadas a contextos culturais distintos, ativando repertórios específicos e modulando a forma como aspectos do self são expressos. A experiência também evidencia a necessidade de distinguir bilinguismo de biculturalismo, *language attrition* de sofrimento psicológico e reorganização identitária de perda da identidade. **Conclui-se** que o CFS constitui uma lente útil para compreender experiências migratórias sem reduzir a complexidade da pessoa à língua que utiliza, favorecendo uma leitura contextual, intercultural e não patologizante da adaptação psicológica.

Palavras-chave: Biculturalismo; Bilinguismo; Cultural Frame Switching; Identidade; Migração.

INTRODUÇÃO

A migração internacional é um fenômeno social complexo que envolve deslocamentos territoriais, mas também transformações nos vínculos, nas referências culturais, nas formas de comunicação e nas experiências de pertencimento. Quando uma pessoa passa a viver em outro país, não modifica apenas o lugar em que reside. Ela passa a interagir com novas normas sociais, repertórios simbólicos, formas de relacionamento, expectativas institucionais e práticas linguísticas. A adaptação, portanto, não pode ser compreendida apenas como aquisição de competências instrumentais para viver no novo contexto. Ela envolve também a maneira como o indivíduo interpreta a si próprio e aos outros, negocia suas referências anteriores e constrói novas formas de participação social.

A língua ocupa lugar particularmente relevante nesse processo. Embora seja, em primeiro plano, um meio de comunicação, cada idioma pode estar associado a pessoas, lugares, etapas da vida, experiências afetivas, valores, memórias e relações sociais específicas. Em indivíduos que transitam entre mais de uma língua e cultura, essas associações podem fazer com que diferentes contextos linguísticos estejam ligados a diferentes repertórios de significado. A pergunta *"Quando falo outra língua, pareço outra pessoa?"* emerge, nesse sentido, como uma questão psicológica e intercultural: não se trata de pressupor a existência de duas personalidades, mas de investigar se determinados aspectos da percepção, do comportamento, do autorrelato e da identidade podem assumir configurações distintas quando o contexto cultural e linguístico se modifica.

O *Cultural Frame Switching* (CFS) oferece uma estrutura teórica para examinar esse problema. Hong et al. (2000) propõem uma abordagem construtivista dinâmica segundo a qual indivíduos familiarizados com diferentes sistemas culturais podem apresentar mudanças na interpretação e no comportamento quando pistas do contexto ativam diferentes estruturas de conhecimento cultural. A cultura, nessa perspectiva, não é apenas um conjunto fixo de características internalizadas, mas um repertório de

significados que pode ser ativado conforme as situações. A língua pode funcionar como uma dessas pistas, sobretudo quando está fortemente associada a experiências culturais particulares.

A relação entre CFS, língua e personalidade foi examinada de forma direta por Ramírez-Esparza et al. (2006), em estudos com bilíngues espanhol-inglês. Os resultados indicaram diferenças em autorrelatos de características de personalidade conforme o idioma utilizado, incluindo dimensões como extroversão, amabilidade e conscienciosidade. Esses achados não foram interpretados como evidência de duas personalidades independentes, mas como um caso particular de cultural frame switching, no qual cultura, linguagem e self interagem. Luna, Ringberg e Peracchio (2008), por sua vez, demonstraram que pistas linguísticas podem ativar diferentes frames culturais e aspectos identitários em indivíduos biculturais, reforçando que o fenômeno não pode ser reduzido simplesmente ao conhecimento de duas línguas.

A literatura também exige uma diferenciação conceitual importante entre bilinguismo e biculturalismo. Uma pessoa pode dominar duas línguas sem apresentar duas referências culturais integradas, assim como indivíduos biculturais podem apresentar diferentes graus de compatibilidade percebida entre suas identidades culturais. O conceito de *Bicultural Identity Integration* (BII), desenvolvido por Benet-Martínez e Haritatos (2005), contribui para compreender justamente essa dimensão. Do mesmo modo, bilinguismo aditivo ou subtrativo, *language attrition*, identificação cultural e adaptação psicológica não devem ser tratados como sinônimos. A redução da acessibilidade de uma língua previamente adquirida pode ocorrer sem representar perda da identidade ou sofrimento psicológico.

A relevância desse debate aumenta diante da mobilidade humana contemporânea. Os dados oficiais da série histórica entre 1990 e 2024 da *United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division* mostram crescimento do fluxo de migrantes. O *UNHCR Global Trends 2025*, também utilizado como contexto neste trabalho, apresenta milhões de pessoas em diferentes situações de deslocamento e necessidade de proteção. Esses números não demonstram, por si mesmos, a ocorrência de

CFS, mas ajudam a situar a dimensão social dos processos de contato intercultural nos quais questões linguísticas e identitárias podem adquirir importância.

A experiência acadêmica que fundamenta este trabalho também foi marcada pela observação de contextos migratórios contemporâneos, especialmente o deslocamento de pessoas ucranianas para países europeus após a intensificação da guerra. Warditz e Meir (2024) investigaram comunidades de migrantes e refugiados ucranianos na Áustria e na Alemanha, focalizando atitudes e usos do ucraniano e do russo. O estudo evidencia que escolhas linguísticas, identificação e experiência migratória se articulam de maneira complexa, especialmente quando as línguas envolvidas possuem significados históricos, familiares e políticos distintos para os participantes.

Nesse contexto, o presente trabalho assume a forma de relato de experiência acadêmica, e não de relato de um episódio pessoal de CFS ou de uma pesquisa empírica original com participantes. O objeto do relato é o próprio percurso de construção da reflexão: a passagem de uma pergunta cotidiana sobre parecer diferente ao falar outra língua para uma formulação teórica apoiada no CFS, no biculturalismo e na literatura sobre adaptação psicológica. Essa escolha metodológica permite explicitar como conceitos e evidências foram articulados para produzir uma compreensão mais complexa do fenômeno, sem transformar uma experiência de estudo em dado empírico sobre uma população.

O problema que orienta o trabalho pode ser formulado da seguinte maneira: como o *Cultural Frame Switching* contribui para compreender a percepção de que uma pessoa "parece diferente" quando utiliza outra língua, especialmente em contextos migratórios nos quais diferentes referências culturais, vínculos e identidades coexistem? O objetivo geral é relatar e analisar o percurso de construção dessa reflexão acadêmica, articulando língua, cultura, personalidade, identidade bicultural e adaptação psicológica. Como objetivos específicos, busca-se: discutir o CFS como eixo explicativo; relacionar os achados de estudos sobre personalidade e identidade; contextualizar o fenômeno na mobilidade migratória contemporânea; diferenciar conceitos frequentemente confundidos; e refletir sobre implicações para uma compreensão psicológica intercultural e não patologizante.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como relato de experiência acadêmica, de natureza reflexiva e qualitativa, articulado a uma revisão narrativa da literatura. A escolha do formato decorre da natureza do material analisado: não foi realizada coleta de dados primários com participantes, nem se pretende apresentar a experiência pessoal do autor como evidência de *Cultural Frame Switching*. O objeto é o percurso de construção de uma reflexão acadêmica a partir de uma pergunta inicial, da leitura de estudos científicos e da organização progressiva de conceitos relacionados à língua, cultura, identidade e migração. O procedimento foi organizado em quatro movimentos. Primeiro, realizou-se a delimitação do problema a partir da pergunta *"Quando falo outra língua, pareço outra pessoa?"*.

Segundo, foram selecionados e articulados estudos considerados centrais para o argumento: Hong et al. (2000), como base do CFS; Ramírez-Esparza et al. (2006), pela relação entre língua, cultura e autorrelato de personalidade; Luna, Ringberg e Peracchio (2008), pela relação entre *frame switching* e identidade bicultural; Benet-Martínez e Haritatos (2005), pela *Bicultural Identity Integration*; Gianola, Llabre e Losin (2024), como evidência contemporânea; e Warditz e Meir (2024), como contextualização migratória.

Terceiro, foram incorporados conceitos complementares presentes no material de estudo, como bilinguismo aditivo e subtrativo, *language attrition,* luto migratório e interculturalidade, buscando estabelecer distinções entre fenômenos linguísticos, culturais e psicológicos.

Quarto, foram utilizados dados secundários de mobilidade internacional provenientes da United Nations DESA e do UNHCR, exclusivamente para contextualização social do fenômeno.

A análise é interpretativa e não pretende estimar prevalência, testar hipóteses causais ou generalizar os resultados para populações migrantes. O resultado esperado é uma síntese conceitual do percurso de estudo, sustentada pelas referências selecionadas e orientada pelo CFS.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O percurso analisado produziu resultados principalmente conceituais e interpretativos. Em vez de apresentar resultados experimentais próprios, esta seção organiza as mudanças de compreensão ocorridas durante a experiência de estudo e as confronta com a literatura selecionada. Para preservar a natureza do relato, cada achado é tratado como síntese do percurso acadêmico, enquanto os dados empíricos permanecem atribuídos às pesquisas de origem.

Da pergunta cotidiana à formulação teórica

O ponto de partida da experiência foi uma pergunta aparentemente simples: *"Quando falo outra língua, pareço outra pessoa?"*. A formulação possui força intuitiva porque muitas pessoas bilíngues ou multilíngues relatam perceber diferenças na maneira de falar, interagir, expressar emoções ou se posicionar em situações distintas. Entretanto, tomada literalmente, a pergunta pode conduzir a uma conclusão inadequada: a de que a mudança de idioma produziria uma segunda personalidade. O primeiro resultado do percurso acadêmico foi justamente deslocar a pergunta de uma explicação existencialista para uma formulação contextual.

Esse deslocamento é coerente com a proposta de Hong et al. (2000). Na abordagem construtivista dinâmica, sistemas culturais de significado podem ser ativados por pistas presentes no ambiente. A pessoa que possui experiência com mais de uma cultura dispõe de repertórios que não precisam estar todos igualmente acessíveis em todos os momentos. Assim, o comportamento observado em determinada situação pode refletir, em parte, quais referências culturais são mais salientes naquele contexto. A língua pode ser uma pista particularmente potente quando foi aprendida, utilizada e afetivamente associada a determinados grupos, lugares e períodos da vida.

O CFS, portanto, não deve ser compreendido como uma troca de identidade ou como uma mudança de essência psicológica. O conceito descreve um processo de ativação contextual. Essa diferença é decisiva para o trabalho porque permite manter a unidade da pessoa enquanto se reconhece a variabilidade de suas formas de expressão. A pergunta deixa de ser *"qual das duas personalidades é a verdadeira?"* e passa a ser

"quais repertórios culturais e identitários são ativados em determinado contexto e como isso se manifesta?". Essa reformulação constitui o principal movimento conceitual produzido pela experiência.

Também foi importante reconhecer que a língua não opera isoladamente. Um idioma pode estar associado à família, à escola, ao trabalho, aos amigos, à intimidade ou a experiências de deslocamento. Consequentemente, falar uma determinada língua pode simultaneamente colocar a pessoa em contato com normas pragmáticas, memórias, expectativas sociais e interlocutores específicos. O que aparece como "mudança de personalidade" pode, em determinadas circunstâncias, ser uma mudança no contexto social e cultural em que a pessoa está se expressando.

A reflexão também permite compreender por que a pergunta inicial é relevante para a Psicologia. A experiência subjetiva de parecer diferente não deve ser descartada como simples impressão, tampouco deve ser transformada automaticamente em evidência de fragmentação da personalidade. O fenômeno exige uma análise que considere língua, contexto, história de aprendizagem, vínculos culturais, identificação e situação comunicativa. O CFS oferece uma linguagem teórica para realizar esse movimento.

Cultural Frame Switching e personalidade: o que os estudos mostram

Ramírez-Esparza et al. (2006) constituem um ponto central no percurso porque investigaram diretamente se bilíngues poderiam apresentar diferenças de autorrelato conforme a língua utilizada. O trabalho reuniu quatro estudos, incluindo amostras de bilíngues espanhol-inglês nos Estados Unidos e no México. As diferenças observadas em dimensões como extroversão, amabilidade e conscienciosidade foram interpretadas pelos autores dentro do quadro do *cultural frame switching*. O resultado é importante porque fornece evidência de que a língua pode estar associada a diferenças na expressão ou na descrição de características pessoais.

Entretanto, é necessário preservar a precisão da interpretação. O estudo não sustenta a ideia de que uma pessoa tenha duas personalidades independentes. A leitura mais consistente com a proposta teórica é que características do self podem ser expressas ou avaliadas de maneira diferente quando o contexto linguístico ativo repertórios culturais distintos. A diferença entre "variação na expressão" e "mudança estrutural da

personalidade" precisa permanecer explícita, especialmente quando o tema é apresentado fora do contexto acadêmico.

Luna, Ringberg e Peracchio (2008) ampliam essa interpretação. Em três estudos, os autores examinaram indivíduos biculturais e demonstraram que determinadas pistas linguísticas podem ativar diferentes frames culturais e aspectos da identidade. O achado acrescenta uma condição importante: o fenômeno não deve ser reduzido ao simples fato de conhecer duas línguas. A experiência bicultural e a associação entre língua e sistemas culturais de significado são elementos relevantes para compreender o *frame switching.*

Essa distinção produz uma consequência metodológica importante. Não seria adequado utilizar o simples status "bilíngue" como explicação suficiente para qualquer diferença de comportamento. É preciso perguntar como a pessoa adquiriu as línguas, em quais contextos as utiliza, com quem se comunica, quais experiências estão ligadas a cada idioma e como percebe suas referências culturais.

A pesquisa contemporânea de Gianola, Llabre e Losin (2024) reforça a necessidade de uma interpretação contextual. O estudo analisou 133 adultos bilíngues hispânicos/latinos que responderam ao *Big Five Inventory* em inglês e espanhol. Foram observadas diferenças em autorrelatos entre contextos linguísticos, com níveis mais elevados de amabilidade, conscienciosidade e neuroticismo no contexto em inglês. Os autores também examinaram a dominância linguística e a identificação cultural, indicando que a variação observada precisa ser interpretada à luz de fatores linguísticos e culturais.

A presença desse estudo de 2024 no percurso foi relevante porque impede que a reflexão fique restrita a resultados clássicos. A questão continua sendo investigada e apresenta resultados que dependem de variáveis adicionais. A língua pode participar da ativação contextual, mas seus efeitos não são independentes da proficiência relativa, da dominância, da identificação cultural e da experiência dos indivíduos. O CFS, portanto, funciona melhor como uma estrutura relacional do que como uma explicação automática para qualquer comportamento diferente entre idiomas.

A síntese desses estudos permite propor uma formulação mais precisa: pessoas bilíngues ou biculturais podem apresentar diferentes padrões de autorrelato, percepção e

expressão em contextos linguístico-culturais distintos, sem que isso implique a existência de duas personalidades.

Bilinguismo, biculturalismo e integração da identidade

Um segundo resultado do percurso foi perceber que "falar duas línguas" e "viver entre duas culturas" não são equivalentes. O bilinguismo é uma dimensão linguística, enquanto o biculturalismo envolve familiaridade, participação e identificação com mais de um sistema cultural. Uma pessoa pode utilizar dois idiomas por razões educacionais ou profissionais sem apresentar uma experiência bicultural intensa. Inversamente, uma pessoa pode desenvolver referências culturais híbridas ou múltiplas sem que o domínio das línguas seja simétrico.

A distinção torna-se especialmente relevante para compreender a *Bicultural Identity Integration* (BII). Benet-Martínez e Haritatos (2005) propõem dimensões relacionadas à maneira como indivíduos biculturais percebem suas identidades culturais, incluindo a sensação de compatibilidade ou conflito entre elas. Essa perspectiva contribui para abandonar uma visão binária segundo a qual o migrante deveria escolher entre "ser da cultura de origem" ou "ser da cultura de acolhimento". A experiência pode envolver integração, alternância, negociação e diferentes formas de pertencimento.

No contexto migratório, a identidade também pode ser reorganizada ao longo do tempo. A pessoa pode preservar práticas, valores, memórias e vínculos da sociedade de origem e, simultaneamente, incorporar novas formas de participação social. O contato com a língua de acolhimento pode favorecer novos papéis, redes sociais e experiências de autonomia. A língua de origem, por sua vez, pode continuar associada à família, à memória, à intimidade e ao sentimento de continuidade. Essas associações não são necessariamente incompatíveis.

Aprender a língua do país de acolhimento (L2) não significa necessariamente abandonar a língua de origem (L1); adquirir novos repertórios culturais não implica apagar referências anteriores; e integrar identidades não exige que todas as diferenças sejam eliminadas. A adaptação pode ser compreendida como capacidade de operar em diferentes contextos, mantendo continuidade do self enquanto novas possibilidades de expressão são incorporadas.

Language attrition e luto migratório: fenômenos que não devem ser confundidos

A experiência de estudo também mostrou a necessidade de separar *language attrition* de processos psicológicos associados à migração. Schmid (2020) descreve este processo como redução da acessibilidade ou do desempenho em uma língua anteriormente adquirida, frequentemente relacionada à diminuição do uso e ao contato contínuo com outra língua. Trata-se de um fenômeno linguístico que pode ocorrer em diferentes graus e circunstâncias. Por si só, não constitui evidência de transtorno psicológico, perda da identidade ou fracasso de adaptação.

A confusão torna-se mais provável quando o indivíduo relata dificuldade para encontrar palavras, menor fluência ou sensação de afastamento da língua de origem. Em contextos migratórios, essas experiências podem ser emocionalmente significativas, mas não autorizam uma conclusão automática sobre sua origem psicológica. É necessário investigar frequência de uso, exposição, proficiência, contexto de aprendizagem e oportunidades reais de prática antes de interpretar a mudança como perda identitária.

O mesmo cuidado se aplica ao luto migratório. Achotegui (2024) caracteriza o luto migratório como processo de elaboração de perdas e separações associado à migração, com caráter parcial, recorrente e múltiplo. A migração pode envolver afastamento de familiares, amigos, território, hábitos, papéis sociais, referências culturais e formas de comunicação. Entretanto, o fato de esses processos poderem coexistir não significa que *language attrition* seja uma manifestação direta de luto migratório.

A distinção é relevante para uma abordagem psicológica responsável. Quando uma pessoa migrante afirma que sua relação com a língua mudou, o profissional precisa evitar duas reduções opostas: interpretar toda dificuldade linguística como sofrimento psicológico ou considerar toda experiência emocional como consequência da língua. O sentido da mudança depende da trajetória individual. A língua pode ser instrumento, memória, vínculo, marcador de pertencimento e recurso de participação social ao mesmo tempo.

O percurso acadêmico levou, portanto, à formulação de uma regra interpretativa simples: fenômenos que coexistem não são necessariamente equivalentes. Bilinguismo, biculturalismo, *language attrition,* luto migratório, identificação cultural e adaptação

psicológica podem se relacionar, mas precisam permanecer conceitualmente diferenciados. Essa distinção aumenta a precisão da análise e reduz o risco de patologizar experiências normais de mobilidade e reorganização cultural.

Interculturalidade, comunicação e a atuação psicológica

A reflexão construída a partir do CFS também dialoga com uma concepção intercultural de cultura. Abdallah-Pretceille (1987) desloca a atenção de uma visão de cultura como estrutura fixa para uma perspectiva centrada nas relações entre sujeitos. Essa orientação é compatível com a ideia de que identidades são construídas e negociadas nos encontros e que não podem ser reduzidas a características estáveis de grupos nacionais. No contexto migratório, isso significa que o psicólogo precisa considerar a singularidade da pessoa em vez de pressupor que determinado comportamento decorre automaticamente de sua nacionalidade ou língua.

Panicacci (2022) contribui para situar a experiência migratória como processo que envolve dimensões linguísticas, culturais, psicológicas e emocionais. A linguagem participa da maneira como o indivíduo se apresenta e se relaciona, podendo modificar a experiência subjetiva de pertencimento. Choi, de los Reyes e Poudel (2026) ampliam essa discussão ao abordar identidades linguísticas em movimento a partir de uma perspectiva de mobilidades, reforçando a ideia de que as identidades linguísticas são dinâmicas e continuamente negociadas.

Essa perspectiva tem implicações para a escuta psicológica. Se uma pessoa afirma *"pareço outra quando falo minha segunda língua",* a intervenção não precisa começar pela correção da frase. O primeiro movimento pode ser compreender o significado que essa diferença possui para a própria pessoa. Perguntas sobre com quem utiliza cada idioma, em quais ambientes, quais emoções associa a cada língua, quais normas sente que precisa seguir e como percebe a continuidade de sua identidade podem abrir espaço para uma compreensão mais contextualizada.

A partir das leituras realizadas podem ser destacados três eixos de atenção para a atuação do psicólogo clínico e intercultural: a autorreflexão cultural, a *cultural humility* e a flexibilidade clínica intercultural. A autorreflexão envolve reconhecer que o próprio profissional também está inserido em referências culturais que influenciam sua forma de

perceber e interpretar as experiências do paciente. A humildade cultural pressupõe reconhecer o paciente como alguém que possui conhecimento privilegiado sobre sua própria experiência, enquanto a flexibilidade clínica envolve adaptar a prática às línguas, culturas e contextos da pessoa atendida.

Percepção do self, emoções e relações em diferentes línguas

A dimensão subjetiva do fenômeno merece atenção porque a expressão de características pessoais não ocorre em vazio social. Uma pessoa pode sentir que é mais espontânea, formal, afetiva, objetiva ou reservada em determinado idioma não apenas porque o idioma possui propriedades linguísticas específicas, mas porque foi utilizado em relações diferentes. A língua da infância (L1) pode estar associada a familiares e experiências de cuidado; uma segunda língua (L2) pode ter sido aprendida em ambiente escolar ou profissional; outra pode estar ligada a amizades e experiências de autonomia. Essas associações podem contribuir para que diferentes estados e repertórios sejam mais acessíveis em situações distintas.

Essa interpretação ajuda a evitar uma falsa dicotomia entre *"a língua causa a personalidade"* e *"a língua não tem nenhuma relação com a personalidade"*. Os estudos discutidos apontam para uma posição intermediária: a língua pode funcionar como pista contextual dentro de um sistema mais amplo de experiências. Quando a pessoa utiliza um idioma, ela pode simultaneamente mudar interlocutor, cenário, normas de interação, expectativas sociais e conteúdo da conversa. O efeito observado, portanto, pode resultar da combinação desses elementos.

As emoções também podem possuir associações linguísticas específicas. Um idioma aprendido em casa pode estar relacionado a intimidade e pertencimento, enquanto outro, aprendido posteriormente, pode estar ligado a trabalho, avaliação e desempenho. Não se deve generalizar essa associação para todos os bilíngues, mas ela é uma hipótese relevante para compreender relatos individuais. A pergunta clínica passa a ser menos "*qual língua deixa você mais emocional?"* e mais *"que experiências e relações estão associadas a cada língua para você?"*.

Essa perspectiva é especialmente importante quando o indivíduo se sente dividido entre expectativas culturais. Em situações de alta saliência identitária, uma pessoa pode

perceber tensão entre maneiras diferentes de expressar respeito, autonomia, intimidade, autoridade ou discordância. O CFS pode ajudar a descrever a alternância de frames, enquanto BII contribui para compreender como essas referências são percebidas como compatíveis ou conflitantes. A análise conjunta oferece uma leitura mais rica do que atribuir o comportamento a uma suposta "personalidade da língua".

Do ponto de vista das relações, a língua também organiza quem pode participar de determinada interação. O migrante pode falar a língua de acolhimento (L2) no trabalho e a língua de origem (L1) em casa. Pode alternar entre idiomas na presença de amigos que compartilham seu repertório. Pode utilizar uma língua para acessar instituições e outra para expressar sentimentos. A alternância linguística, portanto, pode ser simultaneamente comunicativa, relacional e identitária. O sentimento de "parecer diferente" pode emergir dessa mudança de posição social entre contextos.

O percurso de estudo mostrou que essa dimensão relacional precisa permanecer no centro da interpretação. Se o CFS fosse tratado apenas como um mecanismo cognitivo interno, poderia se perder parte importante do fenômeno migratório. A ativação de repertórios culturais ocorre em situações concretas, com interlocutores, normas e histórias. Por isso, a experiência subjetiva de mudança precisa ser analisada em relação ao ambiente social e cultural em que a pessoa está inserida.

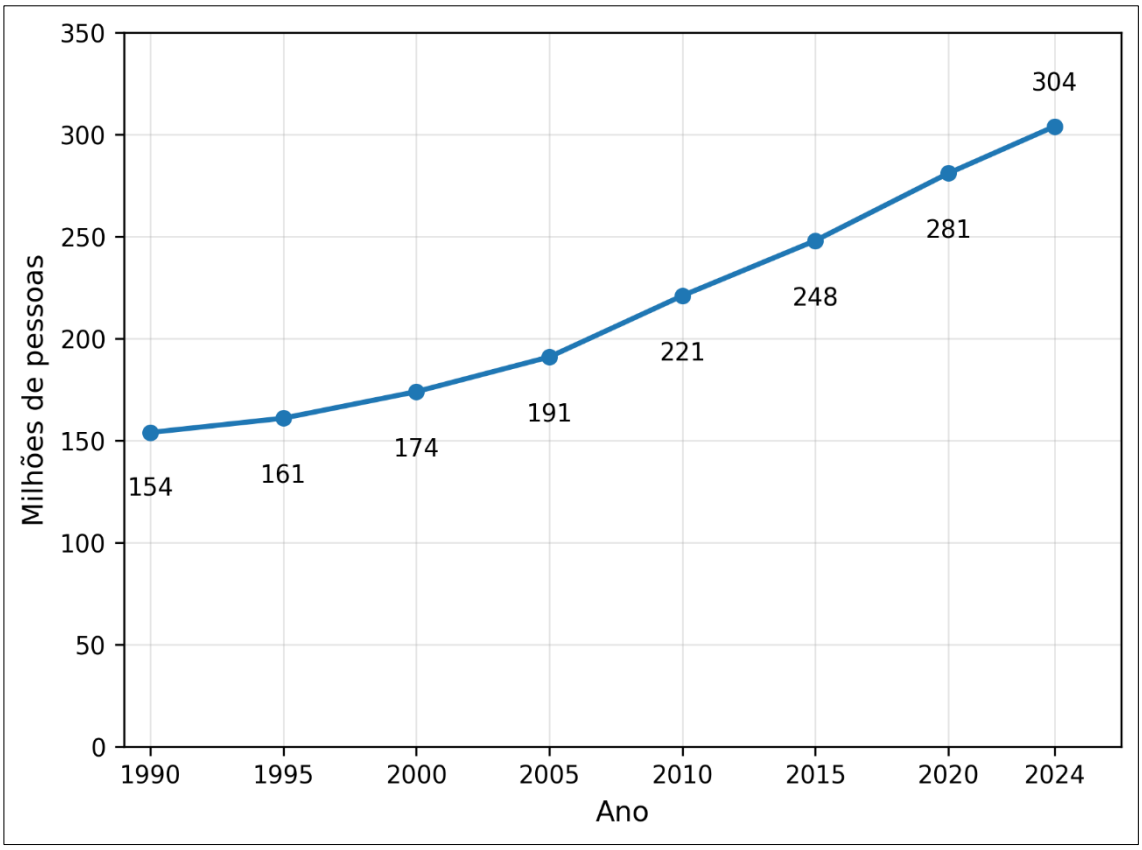
Migração internacional como contexto de relevância social

Os dados de mobilidade internacional ajudam a situar o problema em escala social. A série da *United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division* registra 154 milhões de migrantes internacionais em 1990 e 304 milhões em 2024, o que representa um aumento de aproximadamente 97%. A trajetória indica crescimento contínuo do fluxo de migrantes internacionais no período considerado.

Esses valores são utilizados aqui como contextualização e não como indicador direto de bilinguismo, biculturalismo ou ocorrência de CFS. Não existe um número oficial estimado de pessoas no mundo que apresentem CFS, porque *Cultural Frame Switching* não é uma condição com prevalência epidemiológica. É um fenômeno/processo psicológico observado principalmente em pessoas biculturais e, em alguns estudos, em indivíduos multilíngues.

A tabela 1 aponta o crescimento do número de migrantes e não significa que todas essas pessoas vivenciem os mesmos processos linguísticos. Há diferenças de idade, escolaridade, motivos de migração, tempo de residência, relação com a língua de origem, contato com a língua de acolhimento e vínculos transnacionais. Por isso, o dado deve ser interpretado como contexto, não como evidência individual.

Gráfico 1: Crescimento da migração internacional (1990–2024)

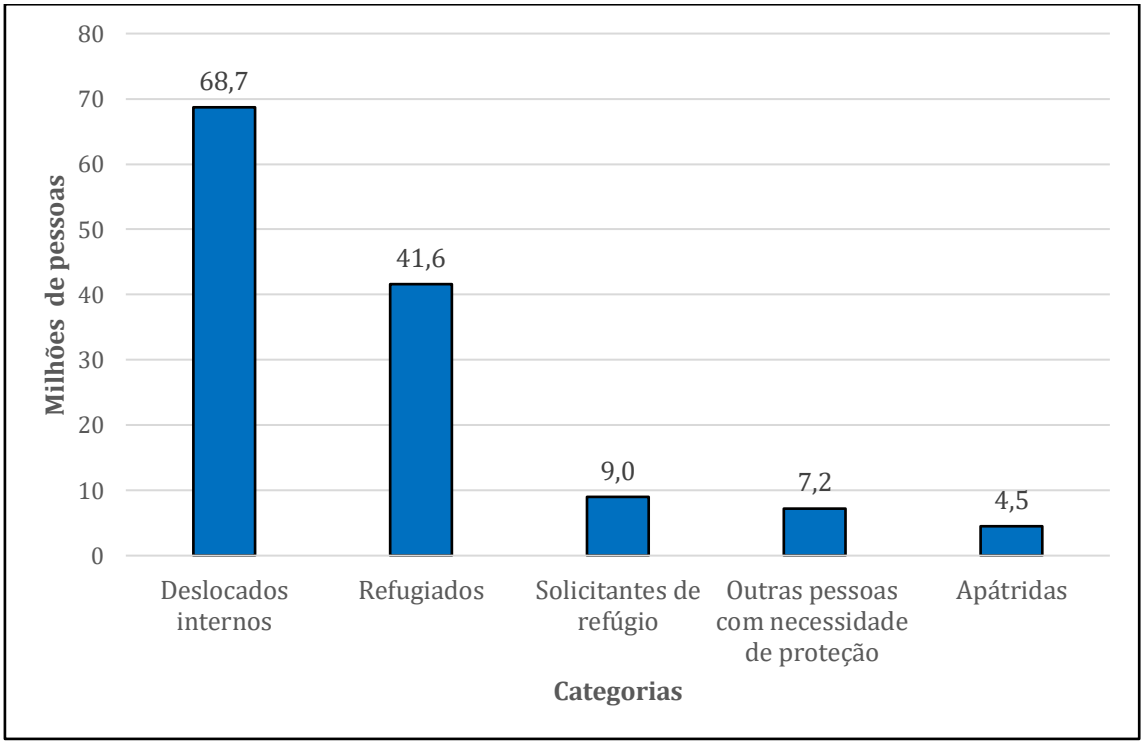


Fonte: United Nations, DESA, Population Division (2024)

O segundo conjunto de dados, proveniente do UNHCR *Global Trends 2025*, apresenta categorias distintas de pessoas em situações de deslocamento ou necessidade de proteção. A tabela do material registra 68,7 milhões de deslocados internos, 41,6 milhões de refugiados, 9,0 milhões de solicitantes de refúgio, 7,2 milhões de outras pessoas com necessidade de proteção e 4,5 milhões de apátridas. As categorias não devem ser tratadas como equivalentes a “migrantes internacionais”, pois correspondem a situações jurídicas e humanitárias diferentes.

O gráfico 2 apresenta valores na forma de barras para evidenciar a diferença de magnitude entre as categorias. O dado mais importante para o presente relato não é estabelecer uma hierarquia de sofrimento ou de prioridade, mas reconhecer que a mobilidade humana possui diferentes formas e que experiências de língua e identidade ocorrem em contextos sociais diversos. Para pessoas refugiadas ou deslocadas, a língua pode estar relacionada não apenas à adaptação cotidiana, mas também à reconstrução de redes sociais, acesso a serviços, proteção e preservação de vínculos comunitários.

Gráfico 2: Pessoas deslocadas com necessidades de proteção (2025)



Fonte: UNHCR (2026). *Nota: pessoas apátridas que também estão deslocadas já estão incluídas nos totais de deslocamento forçado.*

A leitura conjunta dos dois conjuntos de dados reforça uma ideia metodológica: estatísticas globais ajudam a estabelecer relevância e contexto, mas não substituem a análise da experiência individual. A Psicologia intercultural precisa trabalhar com escalas articuladas. No plano macro, existem movimentos populacionais e transformações sociais; no plano meso, comunidades, instituições e redes; no plano micro, experiências

de linguagem, pertencimento, identidade e interação. O CFS é especialmente útil no nível em que contexto cultural e funcionamento individual se encontram.

O caso ucraniano como contexto contemporâneo de reflexão

O estudo de Warditz e Meir (2024) desempenhou papel importante no percurso porque aproxima a discussão teórica de uma experiência migratória contemporânea. Os autores investigaram comunidades de migrantes e refugiados ucranianos na Áustria e na Alemanha, focalizando o bilinguismo ucraniano-russo e as atitudes linguísticas em comunidades afetadas pela guerra. A situação é particularmente relevante para a reflexão porque os idiomas podem estar associados a história familiar, pertencimento, experiências territoriais e relações sociais diferentes.

O interesse do caso não está em transformá-lo em exemplo universal de CFS. O estudo de uma população específica não permite concluir que todas as pessoas ucranianas, russófonas ou refugiadas vivenciem a língua da mesma maneira. Seu valor para o presente relato é mostrar concretamente como língua, migração e identidade podem se entrelaçar em uma situação de deslocamento. O contexto evidencia que escolher, manter, evitar ou alternar idiomas pode ter significado social e identitário que ultrapassa a função comunicativa.

A experiência de leitura desse estudo também modificou a pergunta inicial. Antes, a questão podia ser formulada apenas em termos de personalidade: *"fico diferente quando falo outra língua?"*. Depois da incorporação do contexto migratório, a pergunta passou a incluir pertencimento, relações e trajetória: *"o que cada língua representa para essa pessoa e quais referências culturais são ativadas quando ela a utiliza?"*. Essa reformulação aproxima o CFS de uma perspectiva intercultural, na qual a língua é entendida como parte de uma rede de experiências.

No caso de pessoas que chegam a um novo país, a língua de acolhimento (L2) pode abrir oportunidades de trabalho, educação e participação social, enquanto a língua de origem (L1) pode preservar vínculos familiares e comunitários. A coexistência dessas funções pode produzir alternâncias linguísticas que, vistas superficialmente, parecem mudanças de personalidade. Uma leitura orientada pelo CFS pergunta quais contextos

estão sendo ativados, quais expectativas estão presentes e quais aspectos do self são mais salientes em cada situação.

O caso também evidencia uma limitação importante do relato: não foram realizadas entrevistas com migrantes ucranianos nem análise de dados individuais. Portanto, o trabalho não atribui estados psicológicos ou padrões identitários aos participantes do estudo de Warditz e Meir além do que os autores investigaram. O caso é utilizado como contexto científico e como exemplo de complexidade linguística em migração, preservando a distinção entre fonte secundária e experiência acadêmica do autor.

Implicações para a compreensão da adaptação psicológica

A adaptação psicológica em contextos migratórios não deve ser definida como abandono da cultura de origem e adoção integral da cultura de acolhimento. A partir do CFS e dos conceitos de biculturalismo, adaptação pode ser pensada como capacidade de transitar entre contextos e mobilizar repertórios diversos, mantendo continuidade identitária ao mesmo tempo em que novas formas de participação são incorporadas.

Essa compreensão é importante porque a sensação de diferença entre línguas pode ser interpretada de maneiras distintas. Para uma pessoa, perceber-se mais expansiva em uma língua pode representar liberdade de expressão; para outra, pode gerar estranhamento; para outra, pode simplesmente refletir a situação social em que o idioma é utilizado. Não há um significado psicológico único. O sentido precisa ser investigado a partir da história individual e da relação entre língua, contexto e identidade.

A literatura reunida no material também sugere cautela com a ideia de que integração cultural exige homogeneidade. A coexistência de referências culturais pode ser um recurso adaptativo quando o indivíduo consegue transitar entre contextos. Entretanto, a coexistência também pode ser vivenciada como conflito, especialmente quando expectativas sociais são incompatíveis ou quando a pessoa experimenta discriminação, rejeição ou pressão para abandonar uma referência cultural. A BII oferece uma linguagem para investigar essas diferenças sem presumir que integração e conflito sejam categorias fixas.

A adaptação também precisa ser situada no tempo. Uma língua recém-adquirida (L2) pode inicialmente estar associada a esforço consciente, enquanto a língua de origem (L1) permanece mais acessível em situações emocionais. Com o tempo, as associações podem se modificar. O contato social, a escolarização, o trabalho, os relacionamentos e a permanência no país de acolhimento podem reorganizar os repertórios. Isso reforça a necessidade de estudos longitudinais e de interpretações que não tomem um momento específico como retrato definitivo da identidade do migrante.

Em termos de Psicologia, a contribuição do CFS está em oferecer uma alternativa às leituras que procuram uma essência cultural fixa. O indivíduo não precisa ser classificado como "mais brasileiro", "mais europeu", "mais ucraniano" ou qualquer outra categoria para explicar sua experiência. O foco pode recair sobre as situações em que determinados significados se tornam salientes e sobre como a pessoa integra essas experiências em sua trajetória. Essa mudança de foco favorece uma abordagem centrada na pessoa e sensível à mobilidade cultural.

Assim, a adaptação psicológica pode ser investigada como processo de negociação entre continuidade e mudança. A continuidade aparece nos vínculos, memórias e referências preservadas; a mudança aparece na aquisição de novos repertórios, papéis e formas de comunicação. O CFS contribui para explicar como essa coexistência pode produzir diferentes formas de expressão sem exigir a ideia de uma ruptura interna do self.

Limitações do relato e possibilidades de aprofundamento

A primeira limitação é metodológica. Por se tratar de relato de experiência acadêmica baseado em revisão narrativa, o trabalho não apresenta dados primários e não permite inferir relações causais. As evidências empíricas discutidas pertencem aos estudos citados, cada um com suas próprias amostras, instrumentos, contextos e limites. O presente texto organiza essas contribuições, mas não reproduz os estudos nem pretende realizar uma metanálise.

A segunda limitação diz respeito à heterogeneidade das experiências bilíngues e biculturais. Resultados obtidos com bilíngues espanhol-inglês não podem ser automaticamente transferidos para todas as combinações linguísticas. A relação entre

língua e cultura depende de história, poder social, contexto de aprendizagem, proficiência, idade de aquisição, frequência de uso e significado afetivo. O próprio estudo contemporâneo de Gianola, Llabre e Losin (2024) mostra a importância de variáveis como dominância linguística e identificação cultural.

A terceira limitação está no uso de estatísticas globais de migração. Os dados da United Nations e do UNHCR servem para contextualizar a relevância social da mobilidade, mas não medem CFS, identidade bicultural ou adaptação psicológica. Da mesma forma, a existência de grandes contingentes de pessoas deslocadas não permite supor que a experiência linguística de uma categoria seja homogênea. A interpretação deve permanecer estritamente vinculada ao que cada fonte efetivamente informa.

Como possibilidade de aprofundamento, pesquisas futuras podem utilizar desenhos mistos. Questionários de personalidade aplicados em mais de um idioma poderiam ser combinados com medidas de BII, dominância linguística e identificação cultural. Entrevistas semiestruturadas poderiam investigar quais pessoas, lugares, emoções e situações estão associadas a cada língua. Estudos longitudinais poderiam ainda acompanhar mudanças ao longo do processo migratório, distinguindo adaptação inicial, integração de longo prazo e manutenção dos vínculos com a cultura de origem.

Outra possibilidade é ampliar a investigação para diferentes populações migrantes, sem assumir que todos os processos sejam equivalentes. A experiência de um estudante internacional, de um trabalhador migrante, de uma pessoa refugiada e de alguém que cresceu em família bicultural pode envolver configurações linguísticas distintas. O CFS pode oferecer uma estrutura comparativa, mas a comparação precisa respeitar a história e o contexto de cada grupo.

Por fim, a principal limitação conceitual a ser mantida explícita é que CFS não explica toda a relação entre língua, personalidade e identidade. Ele é uma lente teórica para compreender ativação contextual de repertórios culturais. Fenômenos como *language attrition*, luto migratório, pertencimento, discriminação, adaptação e integração identitária possuem literaturas próprias. A contribuição deste relato está em mostrar como essas dimensões podem ser colocadas em diálogo sem serem confundidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de construção desta reflexão permite compreender que língua, cultura, personalidade e identidade se relacionam de forma dinâmica e contextual nos processos migratórios. O *Cultural Frame Switching* oferece uma estrutura para compreender como diferentes pistas culturais e linguísticas podem ativar repertórios distintos, influenciando formas de interpretação, comportamento e expressão do self.

Os estudos de Ramírez-Esparza et al. (2006), Luna, Ringberg e Peracchio (2008) e Gianola, Llabre e Losin (2024) sustentam a relevância da relação entre contexto linguístico, cultura e autorrelato, sem indicar que o indivíduo possua duas personalidades independentes. A discussão sobre BII, *language attrition* e luto migratório amplia a compreensão e evita a equivalência entre fenômenos diferentes.

O contexto migratório evidencia que cada língua pode estar associada a relações, memórias, lugares e funções sociais particulares. A análise do caso ucraniano apresentada por Warditz e Meir (2024) reforça essa complexidade. Conclui-se que "mudar de língua" pode modificar o contexto de ativação e a forma de expressão de determinados aspectos do self, sem significar perda da continuidade identitária. A perspectiva do CFS favorece, portanto, uma compreensão intercultural e não patologizante da experiência migratória.

REFERÊNCIAS

ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine. L'interculturel comme approche méthodologique. *Migrants-Formation*, n. 69, p. 91–94, 1987. DOI: https://doi.org/10.3406/diver.1987.6547;

ACHOTEGUI, Joseba. Migratory grief, as partial, recurrent and multiple grief. *International Journal of Family & Community Medicine*, v. 8, n. 2, p. 44–47, 2024. DOI: https://doi.org/10.15406/ijfcm.2024.08.00348;

BENET-MARTÍNEZ, Verónica; HARITATOS, Jenny. Bicultural identity integration (BII): components and psychosocial antecedents. *Journal of Personality*, v. 73, n. 4, p. 1015–1050, 2005. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00337.x;

CHOI, Tae Hee; DE LOS REYES, Elizer Jay; POUDEL, Prem Prasad. Migrant population's linguistic identities in motion: a new mobilities perspective. *Journal of Language, Identity & Education*, 2026. DOI: https://doi.org/10.1080/15348458.2026.2619012;

GIANOLA, Morgan; LLABRE, Maria M.; LOSIN, Elizabeth A. Reynolds. Language dominance and cultural identity predict variation in self-reported personality in English and Spanish among Hispanic/Latino bilingual adults. *Journal of Personality Assessment*, v. 107, n. 3, p. 361–373, 2025. DOI: https://doi.org/10.1080/00223891.2024.2416412;

HONG, Ying-Yi; MORRIS, Michael W.; CHIU, Chi-Yue; BENET-MARTÍNEZ, Verónica. Multicultural minds: a dynamic constructivist approach to culture and cognition. *American Psychologist*, v. 55, n. 7, p. 709–720, 2000. DOI: https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.7.709;

LUNA, David; RINGBERG, Torsten; PERACCHIO, Laura A. One individual, two identities: frame switching among biculturals. *Journal of Consumer Research*, v. 35, n. 2, p. 279–293, 2008. DOI: https://doi.org/10.1086/586914;

PANICACCI, Alex. *Exploring identity across language and culture: the psychological, emotional, linguistic, and cultural changes following migration*. New York: Routledge, 2022. DOI: https://doi.org/10.4324/9781003017417;

RAMÍREZ-ESPARZA, Nairán; GOSLING, Samuel D.; BENET-MARTÍNEZ, Verónica; POTTER, Jeffrey P.; PENNEBAKER, James W. Do bilinguals have two personalities? A special case of cultural frame switching. *Journal of Research in Personality*, v. 40, n. 2, p. 99–120, 2006. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jrp.2004.09.001;

SCHMID, Monika S. First language attrition. *Oxford Bibliographies in Linguistics*, 2020. DOI: https://doi.org/10.1093/OBO/9780199772810-0266;

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *International Migrant Stock 2024*. New York: United Nations, 2025. Disponível em: https://www.un.org/development/desa/pd/content/international-migrant-stock. Acesso em: 10 set. 2026;

UNHCR – UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. *Global Trends 2025*. Geneva: UNHCR, 2026. Disponível em: https://www.unhcr.org/global-trends. Acesso em: 10 set. 2026;

WARDITZ, Vladislava; MEIR, Natalia. Ukrainian–Russian bilingualism in the war-affected migrant and refugee communities in Austria and Germany: a survey-based study on language attitudes. *Frontiers in Psychology*, v. 15, 1364112, 2024. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1364112;